

HOMENAGEM A JAIME DINIS

Régis Duprat

Resenha crítica publicada no jornal A Tarde, de Salvador, Bahia, de 21/8/1993, (p. 9-10) quando do lançamento da obra do musicólogo *Jaime C. Dinis (1/5/1924-27/5/1989): Os mestres da capela da Misericórdia da Bahia, 1647-1810*. Centro Editorial e Didático da UFBA, Salvador, 1993.

A notícia que nos atingiu a todos da comunidade musicológica brasileira, reunidos em Belo Horizonte, numa tarde ensolarada de maio de 1989, do súbito falecimento do colega e amigo padre Jaime Diniz, deu-nos a nítida impressão de um flagelo irreparável. Somos tão poucos e a morte nos arrebatou um dos melhores dentre nós! A lacuna que se criava não seria jamais preenchida. Então, publicado seu último trabalho de pesquisa sobre a música da Misericórdia baiana, após ingentes esforços do amigo comum, Manuel Veiga, a sensação de vazio sentida, crescia infinitamente.

A Musicologia brasileira se forjou e se instalou, sob os auspícios do estudo do nosso passado musical. Ela foi, antes de tudo, musicologia histórica. Por mais que bradem os especialistas afirmando que musicologia não é crônica, não é empilhamento de fatos, parece não haver nenhuma possibilidade de conferir sentido, até musical, às partituras propriamente ditas, se não conhecermos a periferia factual e a contextual das atividades musicais. No mínimo, tal periferia constitui significativa e indispensável complementação para contextualizar adequadamente as formas e discursos musicais.

Pelo menos em nosso contexto sócio-cultural carente de tradição musicológica, o musicólogo se vê impulsionado inapelavelmente

para as ações de complementação do seu trabalho prioritário de lidar com partituras, levantamentos, restaurações, revisões, análises, críticas, contextos sociais e reflexões. Alguns diriam que para isso - para a crônica, para o fato - não é necessária sólida formação musical-musicológica. Mas não é sempre que podemos despertar vocações de pesquisadores não especializados; e mais, essa atividade, realizada por um musicólogo músico, é sempre mais eficaz, rápida e inteligente; cada vez mais nos parece uma tarefa inerente à natureza do trabalho global e contextual a que nos propomos.

Todos nós, de alguma forma, tivemos de dedicar muito do nosso esforço e tempo a essa atividade "positivista" de periferia factual das atividades musicais. Com menos ou mais consciência da necessidade disso, com menos ou mais envolvimento em nossas trajetórias, em diferentes graus de curiosidade e empenho, de eficácia e intenção interpretativa e de nível reflexivo, pois o "novo factual" (!) requer muita dimensão hermenêutica; ou, permutando os fatores: todo nível reflexivo integra inapelavelmente o nível factual, positivista e... vice-versa. Todos nós tivemos, no Brasil, de arregaçar as mangas para chafurdar no lodacal do "événement". E nesse setor dos "serviços" em que há operários e aristocratas, há dois tipos de "teóricos": um, que já foi, também, prático e continuará sendo; outro, que nunca foi e... jamais o será...

No campo da História do Brasil todos sabem que a crônica do descobrimento está "grosso modo" escrita. Isso não quer dizer que nada mais se tenha a descobrir e interpretar sobre o que já foi exaustivamente pesquisado. No caso da história musical brasileira - e não nos referimos apenas ao período colonial, mas igualmente a todo o século XIX e todo o XX - muita coisa está por ser pesquisada, revelada, explicada, interpretada. Em toda a nossa história musical carecemos dos mais elementares instrumentos factuais de reflexão tais como cronologias, relações de músicos e compositores, catálogos simples e/ou temáticos, inventários de fontes primárias e secundárias, e tantas outras coisas.

Tudo, ou quase tudo, está por ser feito. É aí que a ansiedade do pesquisador-musicólogo desabrocha, especialmente quando ele constata com aporia, a tendência geral do amador, semi-especializado ou leigo, de um lado, proceder a copilações, por falta de formação para a pesquisa original ou por fascinação do sucesso fácil...; e de outro, os "aristocratas" da análise, com seus pruridos conceituais, repetindo por aí, que não faz "trabalho braçal."

Padre Jaime era um pesquisador absolutamente consciente disso tudo. E não o digo apenas por dedução do que escreveu, mas também pelos inúmeros diálogos que tivemos oportunidade de travar, inclusive na Bahia, onde juntos pesquisamos na Sé, na Misericórdia e em São Domingos. O trabalho sobre os mestres-de-capela da Misericórdia baiana, que veio à luz quatro anos após seu malfadado desaparecimento, é um modelo emblemático de convivência salutar do factual com o reflexivo, do positivista com o interpretativo, do "constatativo" com o relacional...

Nas 12 páginas de suas Considerações Preliminares o saudoso Jaime, num exercício brilhante de concisão, dá cabo de uma série de dúvidas que pairavam na atmosfera da compreensão geral: onde a música estava e onde não estava; o que era música e o que cantochão; o que coro e o que capela; o que mestre ou membro de um ou de outro; o que era ser padre e ser clérigo ainda não sacerdote e como isso se entrosava no desempenho musical; o que era ajuda-de-custo e o que propina; como se entrosam as tradições da Misericórdia, as da Bahia, as das instituições coloniais nos costumes musicais; como se entrosam as músicas de dentro e as "músicas da porta" das igrejas; as dos barbeiros e as das procissões; como se entrosam ou desentrosam as músicas da Misericórdia e as da Sé; as daquela, com as exigências corporativas da Irmandade de Santa Cecília; e tantas outras...

Sutilmente Jaime desenrola, quase em sorrateiro contrabando, uma constelação infinita e brilhante, de pequenos e grandes temas que

poderiam erigir-se em pesquisas sofisticadas e riquíssimas de sugestões e respostas. E tudo isso ele o faz na extrema, propositada e declarada simplicidade franciscana de "vinte biografias de mestres-de-capela da Misericórdia".

O trabalho é, como nenhum outro, o próprio retrato de Jaime: a profundidade extrema no convívio da simplicidade infinita. Ele o diz (p. 100): "As pesquisas em arquivos baianos ainda estão nos primeiros passos, no que tange à musicologia histórica. Não se pode esperar tudo só de uma vez. Está aberto o caminho. Apenas aberto. Beati sequentes".

Régis Duprat. São Paulo, junho de 1993

DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS 2007 (SETEMBRO A DEZEMBRO)

Título: PERCEPÇÃO DA DIVERSIDADE DE PERFIS DE ALUNOS NO DISCURSO E AÇÕES DE PROFESSORAS DE VIOLONCELO : UM ESTUDO DE CASO

Autor: ATAIDE DE MATTOS

Orientador: Maria Isabel Montandon

Data da Defesa: 19/09/2008

A presente pesquisa teve como objetivo investigar a percepção de professores de violoncelo acerca da diversidade de perfil de seus alunos. As questões de pesquisa buscam esclarecer até que ponto e como os professores percebem as diferenças em seus alunos, quais são suas concepções e entendimentos do que seja “diversidade” de alunos, que tipo de alternativas eles oferecem aos alunos, porque e para quê. No primeiro capítulo descrevo a metodologia de estudo de caso desenvolvida para conduzir esta investigação, incluindo procedimentos de análise de dados dentro da linha de pesquisa qualitativa, baseando-me em Merriam (1998), Stake (2006), Laville e Dionne (1999), Yin (2005) e Malhotra (2006). Foi realizado um estudo de caso com três professoras de violoncelo de uma mesma escola, CEP/EMB da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas e observações de aulas. No segundo capítulo discuto a idéia da diversidade e apresento os referenciais teóricos em que baseei esta pesquisa: o conceito de percepção de diversidade de Santos (2005) e os três tipos de pedagogia de Skiar (2003). Além desses, discuto os conceitos de mito da homogeneidade e de diferenças dentro das diferenças de Gatea (2003), complementadas pelas idéias de Sacristán (2002), de Santos (2005) e de Skliar (2003). Os dados mostram que as professoras percebem seus alunos de formas e maneiras

diferentes, dependendo do que têm como referência no momento em que estão a descrevê-los. Dentre essas, se a referência for o programa, os alunos são percebidos como grandes grupos – aqueles que conseguem ou não realizar o programa. Mas, se a referência for os próprios alunos, as professoras os percebem progressivamente do geral para o particular, primeiro em grupos semelhantes, depois descrevendo peculiaridades e sutilezas de diferenças dentro de diferenças já identificadas (GAETA, 2003). A conclusão apresenta contribuições para a compreensão da problemática e do problema enfocados no contexto desta pesquisa. Além disso, apresentam-se sugestões para o prosseguimento e aprofundamento desta pesquisa.

.....

Título: NEUSA FRANÇA : RECORTES DE UM UNIVERSO MUSICAL

Autor: DIB SANTIAGO FRANCISS

Orientador: Maria Jaci Toffano

Data da Defesa: 28/09/2007

Este trabalho objetiva, principalmente, compreender o processo por meio do qual Neusa França se legitimou em Brasília como uma das mais respeitadas profissionais dentro do seu campo de atuação, a saber, o da música. Objetiva, também, revelar um retrato da personagem a partir das suas relações com os seus alunos, amigos e público. Para tanto, foram elaboradas entrevistas com Neusa França, seus principais alunos e ex-alunos e reunimos documentos fornecidos por Neusa, como recortes de jornais e revistas, programas de concertos, anotações e correspondências pessoais. Organizou-se o material a partir dos programas dos seus festivais “Vamos Ouvir Música?” e do seu currículo. O corpo teórico da Sociologia que dispõe de técnicas metodológicas para encontrar respostas às indagações propostas, é o que trata da compreensão dos processos de interação nos campos, da representação do cotidiano das relações nas suas pequenas coisas e do resultado do processo social

de cada aspecto das atividades e organizações do mundo da arte. A pesquisa inclui a fase de Neusa quando viveu no Rio de Janeiro e prossegue com sua chegada a Brasília.

Título: **VICENTE SALLES: TRAJETÓRIA PESSOAL E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA EM MÚSICA**

Autor: **KARLA ALÉSSIO OLIVETO**

Orientador: Ricardo Freire

Data da Defesa: 24/10/2007

O presente trabalho trata de aspectos biográficos e de parte da obra de Vicente Salles (Caripi, Pará, 1931) – antropólogo, historiador e folclorista, autor de estudos na área de música e colaborador da musicologia brasileira – seus procedimentos e técnicas de pesquisa e os principais temas por ele desenvolvidos na pesquisa em música.